

## CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO EM ILUSTRAÇÕES PRODUZIDAS POR ALUNOS DA DISCIPLINA DIDÁTICA

Me. Diego Adaylano Monteiro Rodrigues<sup>1</sup>  
Me. Francisco Halysongomes<sup>2</sup>

### RESUMO

Diferentes visões sobre o ensino permeiam o cenário educacional, para alguns o ensino é neutro e deve centrar-se em questões técnicas, para outros o ensino reflete diferentes modelos de sociedade, que se repercute sobre a relação entre professor e aluno. A formação docente ainda carece de estratégias avaliativas que estimulem de forma mais crítica e reflexiva a atividade do futuro professor. O objetivo desse trabalho é analisar as concepções de ensino em charges produzidas por alunos da disciplina didática. Notamos reflexões por partes dos autores, com foco em especial nas dimensões humanas e afetivas do ensino.

**Palavras-chave:** Charges, gêneros textuais, formação inicial

### INTRODUÇÃO

O ensino é uma atividade intencional, não pode ser visto como um produto, mas como um processo que envolve direcionamento, organização de atividades e conteúdos, orientação e estímulo para o aluno (LIBÂNEO, 2013). Mesmo sendo uma atividade intencional, não precisa ser rígida, ao contrário, dever considerar as diferentes realidades sociais, interesses dos alunos, etc. Desse modo o ensino além de intencional, conforme sugere Veiga (2006) é também sistemático e flexível. Mais que isso, o ensino deve ser visualizado como um prática social, de intervenção na realidade do aluno (PIMENTA, 1996).

Candau (1984) aponta alguns elementos característicos do ensino, que a autora vai chamar de três dimensões do ensino. Entre essas, a autora menciona as dimensões humanas, técnicas e políticas. A primeira refere-se às relações estabelecidas, a afetividade, enquanto a dimensão técnica refere-se as seleções de conteúdos, estabelecimentos de objetivos e abordagens pedagógicas. Por fim, a dimensão político-social do ensino caracteriza-se pela intervenção nas realidades, a negação da neutralidade do ensino, a denúncia aos objetivos escusos em práticas educativas. Essa multidimensionalidade do ensino é objeto de estudo da Didática.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, [diegoadaylano@gmail.com](mailto:diegoadaylano@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação do Ceará - IFCE, [halysongomes@yahoo.com.br](mailto:halysongomes@yahoo.com.br)

Diante dessa caracterização inicial, notamos que os cursos de didáticas se apropriam de diferentes abordagens para o trabalho formativo de futuros professores. Mesmo assim, predomina nos curso de licenciaturas atividades em grupo como seminários e exames conforme Gatti (2014), o que consideramos ações pouco direcionadas para uma compreensão mais ampla do ensino como processo complexo e multidimensional.

Assim, ao longo da nossa disciplina de Didática em uma instituição de ensino superior, iniciamos o desenvolvimento de estratégias que buscaram enriquecer as aulas e problematizar o ensino em seus diferentes contextos. Entre essas estratégias trabalhamos com diferentes gêneros textuais, tais como cartas, memoriais, poesias e charges. Neste trabalho consideraremos apenas essas ultimas.

As charges são derivadas das caricaturas no século XIX e são usadas até hoje em jornais, por sua vez, ganham muito notoriedade em redes sociais, pois trabalham linguagens verbais e não verbais. Em geral as charges fazem algum tipo de crítica social e política de forma bem humorada, trata-se também de um texto temporal, que liga-se aos contextos cotidianos (TEXEIRA; ANGELO, 2010).

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é analisar as concepções de ensino em charges produzidas por alunos da disciplina didática. Trata-se, portanto, de descrever o material produzido pelos alunos e relacionar com a literatura acadêmica.

## **METODOLOGIA**

Este é um trabalho com enfoque qualitativo, pois tenta discutir compreensões de um grupo social em determiando contexto (MINAYO, 2007). Trata-se de uma pesquisa documental, pois analisamos produções escritas e visuais desenvolvidas por alunos de uma Instituição de Ensino Superior, dentro da disciplina Didática no ano de 2017. Para Ludke e André (2013, p.45) os documentos “Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto”

A análise dos dados se deu de inspirado na Analise de Conteúdo, conforme Bardin (1997). Buscamos carcterizar os principais temas abordados nas charges, tentando extrair elementos de sentido sobre o ensino e exemplificando esses sentidos com algumas charges.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As charges abordaram diferentes sentidos sobre o ensino, tanto fazem críticas a dimensão técnica do ensino, quanto a dimensão humana. Como pode ser visualizado no exemplo abaixo:



**Figura 1. Charge sobre a sala de aula nos anos 1970 e 1980**

Nessa charge os alunos tentam descrever elementos que caracterizam o ensino de modo tradicional, que se baseia na repetição e memorização. A posição das cadeiras remetem a centralidade do processo no professor e a hierarquia instituída como prática educativa na escola. Alguns elementos da charge remetem a ideia de recursos didáticos escassos, o que torna o ensino restrito ao uso do livro e ao quadro. A imagem também tenta evidenciar uma perspectiva de escola do interior nordestino, pois a representação da janela remete a vegetação seca da Caatinga. No canto da sala, um aluno com chapéu de burro pode ser notado, como parte do processo de exclusão pedagógica.

O contexto referido pelos autores da charge é justamente do auge da ditadura militar, que possuiu um modelo político que reforça o autoritarismo, o que repercute na ascensão de uma tendência pedagógica tecnicista, voltada a racionalização da prática pedagógica, que desconsidera a afetividade como parte do processos de ensino (LIBÂNEO, 2013; CANDAU (1984).

Com a charge da figura 2, os alunos tentaram problematizar a repetência e reprovação decorrente do contexto ensino atual. Diante de pressões de políticas educacionais, pelo

controle da frequência e o estímulo para aprovação pelo Estado, os professores se veem incumbido em criar um processo de ensino mais permissivo as práticas de não reprovação.



**Figura 2. Charge sobre o porcesso de ensino e avaliação na escola.**

O que se quer chamar atenção é que nesses casos a aprovação imediata do aluno é feita por motivos escusos, não necessariamente por desenvolver uma avaliação mais qualitativa, de desenvolvimento como um todo. O processo de avaliação não pode ficar reduzido ao uso de provas e classificação dos alunos, nas visões de Libâneo (2013) existe um senso comum de que o “bom professor” é aquele que reprova mais. O que esse autor defende é que deve acontecer relações mútuas entre uma avaliação mais quantitativa e qualitativas. O ensino e avaliação não podem centrar-se apenas para o uso de exames com foco na memorização do aluno.

Na próxima ilustração os alunos representam uma professora que realiza uma pergunta convergente, isto é, que converge para uma única resposta.



**Figura 3. Tipos de perguntas realizados na escola e inserção de tecnologias**

Essa ilustração problematiza a relação entre professor-aluno diante da produção do conhecimento, mesmo com as mudanças dos anos, o modelo de perguntas feitas professora continua o mesmo, enquanto os alunos dão respostas mais rápidas e atualizadas, quase que automáticas.

As perguntas mais convergentes não deveriam ser os principais padrões discursivos em uma sala de aula, cujo o foco mais atual deve motivar ao diálogo e a exposição de ideias pelo alunos, não apenas a repetição e memorização (LIBÂNEO; 2013; KRASILCHIK, 2004).

A figura 4 mostra, com humor, a abordagem pedagógica para o não uso de tecnologias na sala de aula. A ilustração tenta evidenciar a baixa interação entre professor e aluno, em decorrência desse processo de exclusão tecnológica e de outro modo, a alta interação entre uma das alunas na comunidade digital em que faz parte.



**Figura 4. O uso de celular na sala de aula**

Consideramos dentro de uma visão tecnicista do ensino, quando a tecnologia substitui o docente ou é o material mais importante do processo (CANDAUI, 1984). No entanto a tecnologia pode ser usada como um recurso pedagógico na sala de aula, sem necessariamente ser uma grande vilã a aprendizagem do aluno, ao contrario, pode estimular novas formas de aprender, como alerta Kesky (2002):

Muitas vezes o mau uso dos suportes tecnológicos pelo professor põe a perder todo o trabalho pedagógico e a própria credibilidade do uso das tecnologias em atividades educacionais. Os educadores precisam compreender as especificidades desses equipamentos e suas melhores formas de utilização em projetos educacionais. O uso inadequado dessas tecnologias compromete o ensino e cria um sentimento aversivo em relação à sua utilização em outras atividades educacionais, difícil de ser superado. Saber utilizar adequadamente essas tecnologias para fins educacionais é uma nova exigência da sociedade atual em relação ao desempenho dos educadores (KESKY, 2002 p.5)

A **figura 5**. Busca trazer reflexão sobre uma das principais tendências educacionais que influencia o ensino até os dias atuais. A pedagogia tradicional, de herança jesuítica, trás em suas marcas pedagógicas a memorização e a repetição pelo educando, como pontos de partida para a aprendizagem (LIBÂNEO, 2013). Nesse sentido, o aluno repete as falas do professor, por esse deter de todo o conhecimento daquela área, de tal maneira que o professor se desumaniza.



**Figura 5. Representação da pedagogia tradicional**

Ocorre desse modo uma crítica a dimensão técnica do ensino, dentro da concepção de Candau (1984). Assim como a figura anterior, a figura 6 analisa essa centralidade do docente no processo de ensino baseado na transmissão de informações. O aluno sente-se culpado por perder parte das longas explicações do professor:



**Figura 6. Exposição oral do professor**

Por fim, na próxima imagem o ensino é representado de forma não interativa e em outra imagem de forma lúdica. Pela representação, há uma sugestão de que as atividades mais lúdicas são decorrentes de um bom planejamento de ensino:



**Figura 7. Destaque ao planejamento de ensino.**

Não se pode negar a importância do planejamento das atividades pedagógicas como parte de essencial do processo de ensino. Ainda mais, quando esse planejamento é feito de forma coletiva e participativa, se distingue de um planejamento como instrução programada, que reforça a autoridade do docente (VASCONCELLOS, 2012).

De outra maneira, temos que refletir também, que o planejamento de uma atividade mais lúdica, tal como descrita no desenho, não significa um distanciamento de uma didática instrumental, já que a música presente no desenho só é usada para estimular a repetição e memorização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as charges foram ricas de críticas a visões tradicionais das dimensões humanas e técnicas do ensino. Carecem ainda, de uma abordagem sobre a dimensão política, para que o ensino possa ser visto em sua multidimensionalidade.

Em uma próxima etapa de produção pretendemos trazer mais exemplos de charges sobre educação para os alunos, em que as questões sócio-políticas podem ser melhores evidenciadas, para que assim possam se inspirar na criação de mais charges.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1997.

CANDAU, Vera Maria - A Didática em Questão - Editora Vozes: **1984** – Petrópolis.

GATTI, Bernadete A. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. Revista USP, São Paulo. n.100, p.33-46, dez./fev. 2013-2014.

KENSKI, V. M. Aprendizagem mediada pela tecnologia. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, 2003.

KRASILCHIK, M. Prática de ensino de biologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 2013

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 2001.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PIMENTA, Selma G. “Para uma re-significação da didática: Ciências da educação, pedagogia e didática, uma revisão conceitual, uma síntese provisória”. In: PIMENTA, Selma G. (org.). Didática e formação de professores: Percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 1997.

TEIXEIRA, M. C.; ANGELO, C. M. P. O gênero jornalístico charge no letramento escolar. Língua & Literatura, Frederico Westphalen, v. 12, n. 19, p. 89-107, dez. 2010

VEIGA, I.P.A; FONSECA, M. (ORG.) Lições de Didática. São Paulo: Papirus, 2006